REVISTA CORDIS

SOUSÂNDRADE: A VIDA DE UM POETA-VIAJANTE

SOUSÂNDRADE: THE LIFE OF A TRAVELING POET

Lucas Morais Santos[1]

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo apresentar alguns aspectos biográficos sobre o poeta maranhense Joaquim de Sousa Andrade, o Sousândrade (1932-1902), autor d´*O Guesa*. No primeiro momento apresentaremos a vida do poeta no seu berço de nascimento, o Maranhão, e sua posterior residência na capital São Luís, entre o final do século XIX e início do XX. No segundo momento trataremos sobre o percurso do maranhense pela América, principalmente nos Estados Unidos. Para atingirmos o objetivo proposto, dialogaremos com diferentes autores que já trataram sobre a biografia do poeta, entre os quais Frederick G. Williams (1976). além disso, tendo em vista que Sousândrade imprimiu seus traços biográficos nas obras, precisamente no caso d´*O Guesa,* destacaremos alguns versos alusivos à vida do poeta, em consonância com outras fontes como cartas, a fim de validar nossos apontamentos com relação ao estudo aqui proposto.

PALAVRAS-CHAVE: Sousândrade; O Guesa; História; Literatura.

ABSTRACT: This work aims to present some biographical aspects about the Maranhão poet Joaquim de Sousa Andrade, known as Sousândrade (1932-1902), author of O Guesa. Firstly, we will present the poet's life in his birthplace, Maranhão, and his subsequent residence in the capital São Luís, between the end of the 19th century and the beginning of the 20th. In the second moment we will talk about the journey of the Maranhão native through America, mainly in the United States. To achieve the proposed objective, we will dialogue with different authors who have already dealt with the poet's biography, including Frederick G. Williams (1976). Furthermore, considering that Sousândrade printed his biographical traits in the works, precisely in the case of O Guesa, we will highlight some verses alluding to the poet's life, in line with other sources such as letters, in order to validate our notes in relation to the study proposed here.

KEYWORDS: Sousândrade; Guesa; History; Literature.

[1] Graduado em História (UEMA). Universidade Federal do Maranhão. Orcid: https://orcid.org/0009-0000-1336-1559 E-mail: lucasmorais.430.lm@gmail.com

REVISTA CORDIS

10.23925/2176-4174.34.2025e69743

Recebido em: 23/01/2025.
Aprovado em: 27/02/2025.
Publicado em: 03/03/2025.

Introdução

Frederick Willians, um dos principais biógrafos de Sousândrade, observou que “a biografia do poeta é chave para compreensão de sua obra” (WILLIAMS, 1976, p.31). Seguindo essa pista, este trabalho tem por objetivo apresentar alguns aspectos biográficos sobre o poeta maranhense Joaquim de Sousa Andrade, o Sousândrade (1932-1902), autor d´*O Guesa*.

Entre os aspectos aqui tratados estão os percursos trilhados por este poeta, isto é, suas viagens para além de Maranhão e Brasil, haja vista que Sousândrade foi descrito por aqueles que já o estudaram como o poeta-viajante, que peregrinou o mundo e imprimiu suas concepções em seus escritos.

No primeiro momento apresentaremos a vida do poeta no seu berço de nascimento, o Maranhão, e sua posterior residência na capital São Luís, entre o final do século XIX e início do XX, onde desenvolveu uma vida pública ativa. Enfatizaremos ainda neste primeiro momento a presença do poeta no Rio de Janeiro, e por último sua estadia na Europa, onde se desloca para Paris, com intuito de estudar na Sorbonne.

No segundo momento trataremos sobre o percurso do maranhense pela América, principalmente nos Estados Unidos, onde residiu cerca de quatorze anos, entre 1871-1885.

Para atingirmos o objetivo proposto, dialogaremos com diferentes autores que já trataram sobre a biografia do poeta, entre os quais Frederick G. Williams (1976), autor da mais completa obra biográfica do poeta, e referência para muitos estudos sobre o personagem desde então. além disso, tendo em vista que Sousândrade imprimiu seus traços biográficos nas obras, precisamente no caso d´*O Guesa,* destacarei alguns versos alusivos à vida do poeta, em consonância com outras fontes como cartas, a fim de validar nossos apontamentos com relação ao estudo aqui proposto.

1.1 Entre o Maranhão, a Corte e a Europa.

Joaquim de Sousa Andrade, ou Sousândrade[2] como ficou conhecido, nasceu no dia 9 de julho de 1832 na fazenda Nossa Senhora da Vitória, Pericumã, região do município de Alcântara, Maranhão. Filho de José Joaquim Pereira de Sousa Andrade e Maria Bárbara Cardoso, Sousândrade ficou órfão muito cedo, perdeu a mãe, e em seguida seu pai. O pouco que se conhece sobre sua vida se deve aos resgates de obras suas e de alguns relatos recolhidos em jornais de época, afinal o poeta teve uma vida pública ativa na então São Luís, estes escritos de época que citam algumas atividades do poeta, foram reunidos a um conjunto de entrevistas pelo professor Frederick Williams, que conformou a obra *Sousândrade: Vida e Obra* (1976). Sousândrade morreu no dia 21 de abril de 1902, no Hospital Português, na capital maranhense.

Os relatos apresentados por Frederick Williams (1976), assim como por outros pesquisadores como Luiza Lobo (1986), consideram que Sousândrade pertencia a uma classe abastada, seus pais eram fazendeiros, donos de uma grande propriedade rural de algodão e arroz que continha escravos. Ao que indica estes pesquisadores, o poeta não usufruiu de toda a riqueza dos pais, uma vez que grande parte foi dilapidada por tutores e amigos quando ainda era muito jovem, inclusive ele próprio deu enfoque a isso nos versos de uma de suas obras mais estudadas, *O Guesa.*

Como citado, Sousândrade é o autor d´*O Guesa*, escrita entre 1850 e 1880, trata-se de um vasto poema épico constituído por treze cantos somando treze mil

[2] Joaquim de Sousa Andrade, segundo Luiza Lobo (1986), somente no ano de 1871, já residindo em Nova Iorque (1871-1884), adota o nome de forma aglutinada “Sousândrade”. Segundo relatos da neta, D. Maria José Sousa Andrade Costa, cuja mãe foi uma filha ilegítima do poeta, explicou em uma entrevista a Antônio de Oliveira no *Jornal do Comércio*, que o motivo para escolha do nome foi a seguinte: “Sousândrade apaixonou-se pelo idioma de Shakespeare. O amor à literatura inglesa, principalmente ao dramaturgo de *Rei Lear*, leva-o a fundir o sobrenome numa palavra apenas- “Sousândrade” - para ficar, como o nome de seu poeta predileto, com onze letras” (*Jornal do Comércio*, n. 49, 28 nov. 1965, p. 5). Para Nuñez (2017), essa justificativa apontada pela neta e compartilhada pelos estudiosos Williams (1976), e Lobo (1986) não é válida, e os apontamentos das pesquisas de Torres-Marchal (2014) são mais consideráveis. Marchal sustenta que a grafia do nome aglutinado do poeta não tem nada a ver com a consideração que possuía por Shakespeare, posto que a escrita do nome do escritor inglês como conhecemos, somadas com onze letras, não existia nos Estados Unidos na década de 1870, momento que o poeta maranhense reside em Nova Iorque - afirma que se registrava naquele momento “Shakspeare”.

versos (LOBO, 1986, p.47), que consumiu cerca de trinta anos de trabalho do maranhense (CAMPOS, 1982, p.23).

Em um dos versos d´*O Guesa*, no Canto VI, o poeta se reporta aos seus "servos da Vitória", escravos herdados de seus pais que foram vendidos para custeio de seus estudos no exterior, como apontaremos adiante. O fato de o autor rememorar aos seus escravos de Pericumã, conforme os apontamentos de alguns estudiosos, indica que o maranhense possuía escravos[3], já que sua familia era fazendeira nas terras de Pericumã (CAMPOS, 1982; WILLIAMS, 1976; LOBO,1986). o que nos possibilita pensar sobre o Maranhão do poeta-guesa[4], que se caracterizava pelas atividades agrícolas, polo de cultivo de arroz e principalmente de algodão no começo do XIX, que ainda representava a maioria das exportações maranhenses (ARRUDA, 1980).

Ainda neste aspecto, com relação ao Maranhão, segundo Frederick Williams (1976), antes do fim da escravidão em 1888, eram os grandes fazendeiros que conformavam a elite maranhense. E serão os filhos dessa alta classe que transitarão pelas instituições acadêmicas na Europa, sobretudo Coimbra, como indica Meirelles (1960, p.289-90):

> Era comum mandar filhos, futuros condes, viscondes, barões, moços fidalgos e comendadores, a estudar na Europa, principalmente em Coimbra, mas não raro na França e na Alemanha [...] e as filhas também na velha metrópole. Depois Olinda tornou-se o centro, com João Lisboa e Sotero dos Reis – que constituíram o "Grupo Maranhense" do Romantismo brasileiro, que entre os quais Odorico Mendes tradutor de Homero e Virgílio – Depois Gonçalves Dias.

[3] Embora na década de 1850, como recurso para financiar sua viagem à estudos na Europa, Sousândrade tenha se desfeito de seus escravos da Fazenda de Pericumã, o pesquisador peruano Torres-Marchal enfatiza que, no ano de 1880, o maranhense "era dono de cerca de cem escravos nos municípios de Codó e Cururupu, provavelmente trazidos à sociedade conjugal por sua esposa, duas décadas atrás" (TORRES-MARCHAL, 2014, p. 30), e que o poeta "tentou sem sucesso, ser compensado pela manumissão destes escravos com o fundo de emancipação criado pelo governo imperial" (TORRES-MARCHAL, 2014, p. 30). Marchal aponta ainda que, entre os anos de 1886 e 1887, encontramos várias notícias referentes a escravos sexagenários de Sousândrade em impressos maranhenses, escravos libertos pela lei n. 3.270 de 1885, dita dos Sexagenários:" Veríssimo, preto de 66 anos – de Joaquim de Souza Andrade (*O Paiz*, 1886, p. 2 apud Torres-Marchal, 2014, p. 30); achava-se detidos no quartel de São João à requisição dos respectivos senhores os escravos...Alexandre, de Joaquim de Souza Andrade." (*O Paiz*, 1887, p.4-5 apud Torres-Marchal, 2014, p. 30). Marchal esclarece que tais escravos remanescentes do poeta e sua esposa provavelmente só ficariam "livres com a promulgação da Lei Áurea (1888)". Em 1889, um ano após a lei, em clima de proclamação republicana, Sousândrade comemora doando suas terras de Codó e Cururupu aos seus então escravos libertos (*O Globo*, n. 64, 21 nov. 1889, p.2), mas os recém libertos não asseguraram o direito sobre as propriedades, haja vista que não haviam levantado as documentações correspondentes referentes as terras, o que possibilitou Maria Bárbara, filha de Sousândrade, décadas depois, reivindicar seu direito sobre as propriedades doadas (TORRES-MARCHAL, 2014, p.26).

[4] Ao longo da obra, o poeta se identifica como o guesa, conforme vamos apresentaremos posteriormente.

Tal formação no exterior contribuiu para o surgimento de uma elite intelectual no Maranhão, composta por poetas, escritores, literatos, historiadores e políticos. Entre estes, grandes nomes como Gonçalves Dias[5], Odorico Mendes, tradutor da Eneida, Odisseia, de Homero, admirados por Sousândrade, que certamente fez leitura de tais obras (WILLIAMS, 1976, p. 261, 263-4), já que viveu em uma São Luís em que a leitura de Ovídio, Virgílio e os estudos camonianos eram obrigatórios nas instituições secundaristas e grandes companhias francesas de teatro e ópera se deslocavam de Paris para a capital maranhense (MEIRELES, 1960; WILLIAMS, 1976; RÊGO, 2007).

Sousândrade, conforme Ferreira (2015, p.430), transitou com facilidade entre a elite maranhense. Herdeiro de fortuna, usou "de triunfos familiares, requintada escolarização autodidata e livre trânsito em redes de sociabilidade da elite nativa" (MICELI, 2012, p. 30 apud FERREIRA, 2015, p.43). E ao contrário de seus contemporâneos do século XIX, não estudou em Coimbra, e sim em Paris, na universidade de Sorbonne como enfatizaremos a seguir; além disso, opôs-se ao costume da *intelligentsia* da época de estudar Direito ou Medicina, e optou por estudar Engenharia de Minas e Letras, iniciativa interpretada por Augusto e Haroldo de Campos (1982) como um sinal de rebeldia por parte do maranhense.

Nosso personagem casou-se com D. Mariana de Almeida e Silva provavelmente entre 1860 e 1864 (LOBO, 1986, p. 32), e tiveram uma filha chamada Maria Bárbara, que nasceu por volta de 1864, mas Sousândrade teve outras filhas ilegítimas (TORRES-MARCHAL, 2014, p. 27-29). Por volta de 1866, muda-se com a família para uma residência às margens do rio Anil, no bairro de Remédios, na então capital maranhense. Era um imóvel com grandes árvores frutíferas, a qual daria o nome de "Quinta da Vitória[6]", em homenagem à fazenda da Vitória, de seus falecidos pais.

[5] Sousândrade provavelmente se encontrou com Gonçalves Dias tanto no Brasil como no exterior como supõe Frederick Williams: "em, 1854, quando Sousândrade ainda permanecia em Paris, Gonçalves Dias ali chegou em companhia de sua esposa. É possível também que Sousândrade estivesse no amazonas em 1861, ano em que o visitou Gonçalves Dias" (1876, p. 99).

[6] Em 1928, a Quinta da Vitória foi descrita por Humberto de Campos. Neste período, a construção da residência de Sousândrade já se encontrava em ruínas: "Por trás da Praça da Justiça, um portão de fortaleza, escancarado para sempre, abre uma grande boca em um pedaço de muro alto, de meio metro de espessura. Ao fim do terreno e após um declive, vê-se a fachada venerável, à margem do Anil, para o qual dá fundos. Velha casa solarenga, já sem teto e, quase, sem soalho. Dando sobre o rio um grande salão de cinco janelas, oferecendo aos olhos um dos mais belos panoramas para quem vem cansado de ver o mundo" (CAMPOS, 1954, p.300-301).

Residindo em São Luís, o poeta fez parte de um grupo intelectual importante constituído por grandes nomes literários locais. Dessa reunião surgiu o romance *A casca da caneleira, por uma boa dúzia de esperanças* (1866). Dunshee de Abranches caracterizou os autores de tal obra:

> São Luís nessa época teve também a sua boemia literária que deixou ruidosa tradição. Sousa Andrade, Gentil Braga, Sabbas de Costa, Joaquim Serra escandalizavam a sociedade requintada e formalística que se organizara em moldes aristocráticos, com as suas peraltices, as suas anedotas e episódios do espírito. Deram vida e realce a certos tipos pitorescos que se tornaram populares...Reuniram-se esses boêmios quase sempre na casa de Gentil Braga, um vasto imóvel, sito à Rua Grande, esquina do Passeio (ABRANCHES, 1941, p. 121-22).

Não há registros sobre o momento que se deu o deslocamento da figura de Sousândrade para o Rio de Janeiro, sabe-se que esteve lá no início do ano de 1852. Sobre a estadia do poeta na Corte, segundo Williams (1986), ela se deu quando ainda era jovem. Ao perder grande parte da herança de seus pais, se rebela e parte para o Rio de Janeiro, onde passa a ter uma vida boêmia, que o deixaria com dificuldades financeiras e o motivaria a procurar ajuda do então Imperador D. Pedro II.

Esta questão, que é um dos aspectos mais marcantes da juventude do maranhense, foi registrada precisamente nos versos do Canto VI[7] do *Guesa*. Tais versos remontam a passagens do poeta na Corte entre o ano de 1852 e 1853, período em que já se encontrava com dificuldades financeiras e planejava viajar para o exterior a fim de estudar[8].

Cabe destacarmos aqui que, quando o poeta solicita os auxílios a Corte, não há evidências, inclusive nenhum autor foca nisso, de que Sousândrade queria a ajuda financeira para ir estudar em Paris, ou talvez tenha mudado de rota (de Brasil-Portugal para Brasil-França) e escolhido a capital francesa, ato que pode ser visto por sua frustração com a monarquia brasileira, por não ter respondido sua solicitação, numa espécie de rebeldia, como pontuaram os irmãos Campos (1982).

De certa forma, inicialmente suas esperanças foram postas na figura do imperador D. Pedro II:

> Quando voz de consolo ouvi de meu irmão:
> ‘Por que desesperar? filhos do império,

[7] A passagem referida pode ser percebida ainda no Canto X, gestado em Nova Iorque por volta de 1871.

[8] Ao que indicam os estudiosos, o poeta teria cursado Medicina no Rio de Janeiro, mas não há documentos que atestam isso, assim como não é possível determinar se, em caso afirmativo, foi antes ou depois de ter ido à Europa.

Temos nós um monarca verdadeiro,
Das letras protetor, um grande coração.'
"De um palácio as escadas eu subindo,
Bem vi publicamente distribuindo
Moedas de oiro, e u'a mão sabendo que outra dá:
Eu quis voltar; e andando, andei p'ra diante.
Veio então paternal, o ar elegante,
Deu-me a beijar a mão... — será Fomagatá...?
"Supersticioso eu era, e mais sabia
De mim, quando dos sábios aprendia;
E o empréstimo pedi da minha educação.
Me apraza o príncipe à seguinte audiência:
Contente volto, a esp'rança na consciência;
(*O Guesa*, 1884, Canto VI, p.138).

Como destacado nos versos acima, nota-se que inicialmente o poeta recorre ao imperador como uma espécie de auxiliador, figura importante dentro do campo dos serviços intelectuais da nação imperial, como já pontuaram vários estudiosos[9]. Nos citados versos, percebe-se ainda que primeiramente o poeta parece alimentar uma ideia de possível esperança em relação à sua solicitação; parece nutrir até certo entusiasmo e admiração pela figura de D. Pedro II.

Porém, essa ideia é quebrada totalmente no desenrolar dos versos. Não conseguindo obter os tão "sonhados" auxílios financeiros, o poeta-guesa se frustra e se decepciona:

Descrer eu pude então. E que fazer? me rir?
"Chorei! As alamedas (que ele o conte)
Estrondaram meus passos, e na fronte
Um sopro rotatório horrendo de huracão!
Oh! se um rei é um homem, eu dizia,
Então por que outro homem não seria
Sem o quid teatral? Chorei minha nação.
"Cândido eu tinha o peito, qual das virgens
Filhas do Sol, no amor e sem vertigens

[9] Afrânio Biscardi (2006, p. 71) revela que o "bolsinho" de Dom Pedro II patrocinou diversos artistas, literatos e profissionais de diferentes ramos científicos, mas ao que parece não favoreceu o autor d´*O Guesa*. A respeito, o monarca mostrava-se "um mecenas da produção artística e literária", concepção notada pelo papel exercido do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (IHGB) e da *Academia Imperial de Belas Artes*, na produção de um projeto imaginário que legitimasse a imagem do Império. Sob esse aspecto, a figura do imperador é apresentada por alguns estudos como o grande patrono das artes no período imperial. Carlos Durand (1989, p. 24) sustenta que a relação entre o monarca e a *Academia Imperial* era um "caso de mecenato artístico", porém Vidal Fernandes (2001, p.296) não considera "como um mecenato, mas como patronato, isto é, a relação que se estabelece na prerrogativa do patrono sobre determinado agente, no estado ou condição de patrão, e não somente de protetor". Essa mesma prerrogativa foi apresentada por Lilia Schwarcz (1998, p. 146-48), ao enfatizar que a frequente presença da figura de D. Pedro II nos trabalhos do IHGB e de seu mecenato foi responsável por transformar em projeto oficial, a cargo do império, o romantismo brasileiro.

Em presença do trono. O empréstimo sem ter,
Voltou o desespero dos perdidos:
Foram por meu amor todos vendidos
Os servos da Vitória. Eu vi-me endoidecer!
"Mas, renasci do pranto que verteram
Em minha alma e da bênção que me deram
Ao verem-me partir, dizendo: até aos céus!...
— Quem são maus, os escravos? Os senhores!
— Quem, os povos? Os ruins imperadores!
(*O Guesa*, 1884, Canto VI, p.139).

Decepção que, em seus versos, o faz chorar, e como saída para sua frustração, retorna à sua Fazenda da Vitória e se desfaz de seus escravos, obtendo assim os recursos necessários para sua jornada na Europa, que ocorre entre 1854-56 (WILLIAMS, 1876, p.42).

Estudiosos já enfatizaram que não há documentação que comprove as passagens aqui tratadas presentes n´*O Guesa,* haja vista que grandes quantidades de registro do poeta foram destruídas após a sua morte. Augusto e Haroldo de Campos (1982), por exemplo, tentaram localizar registros na Sorbonne sobre Sousândrade, mas não os encontraram, o que pode ser corroborado por Williams (1976), que justificou o motivo da ausência de tais documentações devido a um incêndio que destruiu o acervo de documentos referentes aos anos de 1850 da Sorbonne, período da estadia de Sousândrade na instituição acadêmica francesa.

Todavia, há outras evidências que nos permitem ir além dos registros dos versos d´*O Guesa*, e considerar a ida do poeta à Paris (Europa):

> Amigo Sr. Antonio Carvalho
> Apresso-me com prazer a responder sua estimada carta, falando do Sr. seu mano amigo Ricardo Humberto F. de Carvalho; moramos junto sem Paris [...]
> *Joaquim de Souza-Andrade*[10]

O trecho destacado acima se refere a uma carta de Sousândrade, datada de junho de 1856, localizada na Biblioteca Pública Benedito Leite pelo pesquisador e escritor maranhense Jomar Moraes. A carta dirigia-se a Antônio Carvalho, e evidencia que o irmão de Carvalho foi seu colega quando morou em Paris.

[10] Carta direcionada à Antônio Carvalho, datada de 1856, localizada por Jomar Moraes na Biblioteca Pública Benedito Leite, em São Luís (WILLIAMS, 1976, p. 253). Lobo (1986, p. 37) repara na assinatura do poeta na carta, e aponta que neste período não utiliza a forma aglutinada "Sousândrade", o que só ocorre em na década de 1871, mas já é perceptível neste período a alternação nos seus sobrenomes "Souza-Andrade".

Além disso, a presença do poeta em Paris pode ser evidenciada ainda por algumas de suas poesias, como *Mademoiselle* e *Fragmentos do mar*, que datam entre 1854-56, em Paris[11].

Outro registro vai além da espacialidade da França e destaca a presença de Sousândrade em outro lugar da Europa. Trata-se de um artigo publicado em 1898, no impresso *O Federalista*, em que o poeta-viajante reclama para si a propriedade da Quinta Vitória em São Luís (LOBO, 1896; RÊGO, 2007) e esclarece que o governo brasileiro poderia obter informações de si na França ou na Inglaterra: "[...] Exijo do governador que faça abrir inquérito público e que mesmo diretamente dos Estados Unidos e da França ou Inglaterra saiba-se da minha vida, sempre às claras por lá como por cá ..." (SOUSÂNDRADE, 1898, p.3).[12]

Por último, o escritor português Camilo Castelo Branco, em *Cancioneiro alegre de poetas portuguezes e brasileiros* (1887), comentou sobre a viagem do poeta maranhense pela Europa, o que corrobora com todas as evidências aqui já apresentadas sobre a sua passagem pelo velho continente. utilizando do refrão "E eu não tinha dinheiro" de um dos poemas que constituem *Eólias (*1867-68) de Sousândrade, Castelo Branco declara:

> Quer-me, porém, parecer – e felicito o poeta – que este seu "não ter dinheiro" é retórico, e uma figura que só assim se tolera, porque não é triste. Sousa Andrade peregrina na Europa há bastantes anos com muito gênio, isso juro eu, e com muito dinheiro, iria também jurá-lo. Esteve em Cintra, em Londres, em França. Morou em Auteuil. Viu tudo o que a historia esmalta do verde-claro das legendas amorosas à volta de Paris (BRANCO, 1887, p. 140-41).

Portanto, embora não se tenha documentos sobre seus estudos em Sorbonne (ou de Medicina no Rio de Janeiro), não restam dúvidas de que o maranhense transitou pela Europa, pelo menos por Paris e Inglaterra. Luiza Lobo (1986) e Cesar Nuñez (2017) consideram que mesmo que Sousândrade tenha frequentado os cursos em Paris e no Rio de Janeiro, não chegou a concluí-los, o que nos permite, segundo os pesquisadores, qualificá-lo como um verdadeiro autodidata (LOBO, 1986, p. 130; NUÑEZ, 2017, p. 20).

[11] No poema *Risonho*s (escrito em 1859), de *Liras perdidas (1970)*, há alusões a cidade europeia: "*Quando eu chegava da França Dos bacharéis a esperança*". Em "Fragmentos do Mar" (escrito entre 1854-55), presente em *Harpas Selvagens* (1857), Sorbonne é destacada como Sorbona de forma aportuguesada, como notou Jomar Moraes e Frederick Williams (1970, p. 171): "...Meditava as lições d´alta Sorbona".

[12] Luiza Lobo (1986, p. 37) frisa que o artigo foi publicado sobre responsabilidade e a pedido do poeta, anos após sua viagem pelo velho continente.

Entre os anos de 1871 e 1885, o poeta inicia uma nova jornada de viagens, desta vez pelo continente americano; na verdade se desloca de Belém do Pará em 1871, com destino a cidade de Nova Iorque, onde residiu por um longo período. Autores como Frederick Williams (1976), Luiza Lobo (1986) e Cláudio Cuccagna (2004) apontam que a estadia do maranhense na cidade estadunidense foi de cerca de quinze anos e que o retorno, em 1885, se deu pela costa da América do Sul: "provavelmente de vapor até o canal de Panamá, e de trem através do estreito (o canal data de 1914)" (LOBO, 1986, p.35); neste trajeto, "após uma breve temporada no Chile" (WILLIAMS, 1976, p.12) chega ao Brasil em 1885.

Torres-Marchal, diferente dos autores acima, notou que o maranhense viajou para os Estados Unidos duas vezes: a primeira vez, entre 1871 e 1878, com retorno ao Brasil "percorrendo a costa ocidental da América do Sul, em 1878" (TORRES-MARCHAL, 2014, p.11), quando teria passado por Valparaiso, no Chile; a segunda viagem ocorreu entre 1880 e 1883, depois viajou para Paris, onde provavelmente foi receber o grau de bacharel em Engenharia[13] - e para Londres, antes de retomar ao Brasil em 1885 (TORRES-MARCHAL, 2014, p. 15).

Enfim, Sousândrade após ter encerrado o seu ciclo de viagens pela Europa, 1854-55, fixa residência em São Luís (1866), e inicia um novo processo de viagens entre 1871 a 1885, desta vez pela américa, demoradamente pelos Estados Unidos [14]e retorna a capital maranhense em 1885 onde passa a contribuir com os jornais locais, momento em que expressou seu viés antimonarquista e defensor das causas republicanas; em 1888, colabora na seção "Centelhas" do impresso *O Novo Brasil.* Em 1889 inicia sua colaboração em *O Globo*, impresso de cunho antimonarquista (CUCCAGNA, 2004, p. 26), em que inaugurou a "Seção republicana".[15]

Após a implantação da República em 1889, o poeta inicia sua vida no campo da política, sendo membro em 1889 do Partido Republicano do Maranhão (*O Globo*, n. 70, 02 nov. 1889, p. 2); neste mesmo ano participou da Junta Provisória de São

[13] Frederick Williams, fundamentado em informação de Astolfo Marques (1923, p. 12 apud Willians, 1976, p. 19), indica que Sousândrade teria viajado duas vezes para a França, sendo a última para receber seu grau de bacharel em Engenharia, tornando-se o primeiro brasileiro a obter esse título na Sorbonne. Lembramos que não há registros sobre isso, como já mencionamos.

[14] A permanência nos Estados Unidos demorou cerca de quatorze anos, lá contribuiu para o periódico redigido em língua portuguesa, *O Novo Mundo,* sobre esta questão apontaremos adiante e mais precisamente no próximo capítulo.

[15] Sobre os discursos republicanos nos impressos maranhenses (1889-1890), bem como a participação de Sousândrade neste âmbito, ver Haniery dos Santos (2013).

Luís, e entre janeiro e agosto de 1890 foi nomeado intendente de São Luís[16] (WILLIAMS, 1876, p.36).

No cargo de intendente desenvolveu diversas atividades, como a abertura de escolas, reformas de praças, instalações das primeiras linhas telefônicas da cidade, ocupou o cargo da presidência da Comissão que elaborou o projeto da Constituição do Estado do Maranhão (WILLIAMS, 1976, p. 29; CUCCAGNA, 2004, p. 27); pertenceu ainda à Comissão de Educação do Estado e à Comissão que regulamentava o processo eleitoral (*Pacotilha*, n. 135, 21 mai. 1890, p. 03). e de seu "culto republicano" (LOBO, 1986, p. 30) passou a liderar uma campanha para reunir fundos com objetivo de financiar a construção da estátua do "Altar de Minerva" *(O Globo*, n.77, 06 dez. 1889, p. 02), em honra à República, que seria encomendada à França em mármore da Grécia (LOBO, 1986, p. 30; WILLIAMS, 1976, p.47).

Em 1899 se candidata ao Senado Federal (WILLIAMS, 1976, p. 22), porém não chegou a ser eleito (LOBO, 1986, p. 35). Em 1899 o poeta idealizou ainda um projeto de fundação de uma Universidade, denominada de *Atlântida* ou *Nova Atenas*, porém não obtém êxito. Fora da vida política, sua última atividade foi lecionar Grego no Liceu Maranhense.

1.2 Sousândrade na América

O trajeto do maranhense pela América se dá após a sua jornada pela Amazônia brasileira. Frederick Wiliams (1976), assim como Luiza Lobo (1986) e Claudio Cuccagna (2004), apontam que esse é o marco de sua longa peregrinação pela América. Sua empreitada pelo Amazonas ocorreu em 1858[17], com algum auxílio

[16] Intendente era uma autoridade política administrativa, equivalente à um prefeito. O cargo surgiu após a criação do Conselho de Intendência Municipal, instaurado com o advento da República por meio do Decreto nº 50-A, de 7 de dezembro de 1889, que dissolveu as câmaras municipais.

[17] Estas são as datas citadas sobre a viagem de Sousândrade à Amazonia: 1853-1857, 1858 ou 1858-1860. A data inicial (1853) foi tomada com base no prólogo da obra *Obras Poéticas* (1874), em que consta uma carta do professor de latim da Sorbona, Delestrée, datada de 1857 referindo-se a viagem do maranhense a região amazônica, segundo Lopes (1939), como "coisa passada". Mas, segundo Torres-Marchal (2010, p.7) "o fragmento da carta de 1857, do professor Delestrée, nas *Memorabilia* das *Obras Poéticas* simplesmente menciona "ces descriptions relatives à votre Voyage" (estas descrições referentes à vossa viagem), sem especificar a que viagem se refere. É mais razoável supor que o fazem à viagem de volta da França (Paris a São Luís) descrita no longo poema *Fragmentos do Mar,* em *Harpas Selvagens* (1857), livro de estreia de Sousândrade". Logo após a citação do professor, o poeta maranhense afirma que "em 1858 foram escritos os trez primeiros cantos do Guesa" (SOUSÂNDRADE, 1874, p. 08), ou seja, os três primeiros cantos, que se referem a viagem de Sousândrade pela região amazônica, datam de 1858 como confirmou o próprio autor, portanto concordamos com o pesquisador Torres-Marchal que não é sobre estes cantos que o professor Delestrée está se referindo na sua carta de 1857. Sobre a data de 1858, segundo Torres-Marchal (2010, p. 8), neste mesmo ano, o presidente da província do Amazonas dirigiu um oficio ao agente da Companhia de Navegação e Comércio do Amazonas pedindo que dê "passagem de estado [de Manaus até Tabatinga] abordo do vapor Tabatinga

financeiro do então presidente da província do Amazonas, como podemos notar na dedicatória presente no Canto III datado de 1858 d´*O Guesa:* "tributo de gratidão ao presidente do Amazonas Dr. J. F. Furtado". A figura a quem Sousândrade se dirige é Francisco José Furtado (1818-1870), juiz e político piauiense, e que ocupou o cargo de presidente do Amazonas entre 1857 e 1860, momento da viagem de Sousândrade pela região, Francisco Furtado foi também Ministro da Justiça (1862, 1864-1865) e Primeiro-Ministro do Brasil (1864-1865); residiu no Maranhão durante a sua juventude chegando posteriormente a ocupar o cargo de presidente da câmara municipal de Caxias, também foi membro da assembleia provincial em 1848 (ALMEIDA, 1867, p. 11).

Essa aproximação de Sousândrade com o Dr. Furtado não é por acaso. Em uma carta de Godofredo Viana à Raimundo Lopes (datada de dezembro de 1939) transcrita por Vieira da Luz (1954, p. 251), Viana supõe que o poeta d´*O Guesa* trabalhou para o governo amazonense de Furtado:

> Uma vez, no amazonas, o então presidente dessa remota província, onde se encontrava o poeta, convidou-o para oficial (ou outro emprego equivalente), da Secretaria do Governo. Foi aceito o convite e lavrada a nomeação. No outro dia, Souza Andrade apresentou-se à repartição, já ao fechar do expediente. Deram-lhe, à última hora, uma portaria qualquer a redigir, a fim de ser assinada na manhã seguinte pelo presidente. Souza Andrade fez o que lhe mandaram. O papel, entretanto, ficou em cima de sua mesa.
> No dia seguinte, mal aberta a repartição, corre à sua carteira e faz em pedaços a portaria. Daí foi direto ao presidente, para lhe solicitar, irrevogavelmente, demissão do cargo.
> É que, conforme explicou ao governante, e mais tarde repetia a meu pai, sua mãe, falecida havia alguns anos, lhe apareceu em sonho e lhe exprobara, com palavras tristes, mas enérgicas, o ter recebido, ele republicano de convicção, um emprego da monarquia.

a... Joaquim de Souza Andrade". Cerca de trinta dias depois o maranhense chegava em Belém no Princesa de Joinville, "chegando em São Luís no primeiro dia de novembro de 1858" (*O Globo*, n.36, 2 nov. 1858, p. 02), mas a ideia de que a viagem se deu até o ano de 1860 tem como base a carta do poeta viajante direcionada ao impresso *O Novo Mundo*, publicada neste mesmo jornal com o título "O Estado dos índios", datada de 10 de março de 1872. No texto, Sousândrade se refere a sua presença na região Amazônica: "Era há 12 anos aquele estado dos índios do Amazonas", notemos que o poeta se refere que o fato ocorreu há "12 anos", se o percurso que está se referindo no texto do impresso e o mesmo sobre a viagem ao amazonas em 1858, o correto seria, considerando a data de 1872 da publicação no *O Novo Mundo*, "..Há 14 anos..", por isso levamos em consideração a possível nota de Marchal, de que "o fato de ter sido usado o numeral 12 e não o valor por extenso, torna possível um erro na composição do texto; existe ainda a possibilidade de o tipógrafo ter confundido o numeral 4 pelo 2, no manuscrito" como fica evidente em um documento exibido pelo pesquisador. Ver em TORRES-MARCHAL (2010, p. 8). A viagem do poeta pela região também ganhou destaque em versos d´*O Guesa*, no Canto IX datado de 1871, momento em que o poeta descreve sua viagem aos Estados Unidos: Atravessando, / Avista ao longe as amazoneas aguas, / Oiro agitado ao sol, e as verdes ilhas / Que de há treze anos d´este canto as mágoas / Resoaram -eternas maravilhas! (*O Guesa*, Canto IX, 1884, p.169). A referência "há Treze anos" no canto acima nos remete a 1858 (1871-13), ano da viagem de Sousândrade à região amazônica), o que nos leva a crer que o ano de 1858 é a data certa da viagem pela região.

> Acrescentava meu pai que esse episódio o poeta o referira veladamente no Guesa.

Esse mesmo aspecto pode ser observado no seguinte fragmento extraído do mesmo canto da dedicatória de 1858 d´*O Guesa*:

> Nobre sois. Não lembrastes meus deveres,
> E estou lembrando tudo ao coração;
> Ao meu posto faltei, pelos lazeres
> Do errar virgiliano da solidão.
> (*O Guesa*, 1884, Canto III, p. 46).

Na mesma direção, Carlos Torres-Marchal indica que até as passagens das viagens de Sousândrade pela região amazônica (Manaus e Tabatinga) foram pagas pelo governo do Amazonas:

> Num ofício da Secretaria do Governo do Estado do Amazonas endereçado ao administrador da fazenda provincial, com data de 1 de setembro de 1858, Joaquim de Souza Andrade é nomeado para "interinamente servir o lugar de oficial deste Secretaria, (tendo prestado) juramento e (entrado) hoje em exercício do referido cardo." O Secretário do Governo da Província do Amazonas à época, era o maranhense Carlos Fernando Ribeiro. Sabemos também que Sousândrade viajou duas semanas depois, no dia 13 de setembro, para Tabatinga, voltando no mesmo navio, o que indica que não demorou, nem no emprego, nem no Solimões. As passagens foram fornecidas pelo Governo da província[18], [...] é possível que a nomeação em caráter de interinidade, fosse só um artifício para justificar o pedido de passagens oficiais para Sousândrade até Tabatinga (TORRES-MARCHAL, 2013, p. 09).

Durante sua viagem pelo Amazonas, Sousândrade teve a oportunidade de presenciar o índio em "seu estado natural"[19] (WILLIAMS, 1976, p. 106). Desse mesmo período (1858), o poeta escreveu o segundo canto d´*O Guesa,* em que aparece o episódio que ficou conhecido como "Tatuturema"[20].

Após terminar suas andanças pela região amazônica, Sousândrade retorna para São Luís em 01 de novembro de 1858 (*O Globo*, n. 36, 2 nov. 1858, p. 4).

É somente em 1871 que Sousândrade se dirige aos Estados Unidos da América. Não há um único motivo justificável para isso, mas entre eles estão a filha do poeta, Maria Bárbara, que possuía alguma compleição doentia, e a suposta mudança de clima do Maranhão pelo dos Estados Unidos como boa opção para a

[18] Ver a súmula do ofício de nomeação e as transcrições das passagens fornecidas pelo Governo da província em Torres-Marchal (2013, p. 9-10).
[19] Sobre suas observações a respeito, ele escreveu artigo denominado "O estado dos índios", para o periódico *O Novo Mundo*, em 23 de março de 1872, conforme veremos adiante.
[20] Para uma discussão sobre esse episódio, ver WILLIAMS (1976, p. 105-108); CUCCAGNA (2004, p. 119-154) e CARNEIRO (2011, p. 23-53).

saúde dela (WILLIAMS, 1976, p.10). Mas os estudos de Carlos Torres-Marchal (2014) não validam a justificativa da doença de Maria Bárbara, tomada pela Literatura como o principal motivo.

Carlos Torres-Marchal, em vários artigos de contribuição biográfica sobre o autor d´*O Guesa*, publicados pela Revista de Literatura e Linguística *Eutomia*, entre 2009 e 2014, conclui que é pouco provável ter sido a saúde delicada de Maria Bárbara que fez o maranhense "trocar por este (de Nova Iorque) clima o do Maranhão" (TORRES-MARCHAL, 2014, p. 18), e como respaldo para refutar essa versão, o pesquisador usa os registros do *Socre Coer*[21], que cobrem os anos de 1873 a 1882, em que só se encontram duas consultas médicas, "sendo que nos primeiros quatro anos não houve despesas com médicos" (TORRES-MARCHAL, 2014, p.19).

Uma outra suposição para a viagem do poeta foi a educação de Maria Bárbara, como já pontuaram alguns autores (MARQUES, 1903; SANTIAGO, 1932; PAXECO, 1975). Para Alessandra Carneiro (2016), essa lógica da viagem do escritor para os Estados Unidos a fim de educar a filha é possivelmente plausível[22], "principalmente se considerarmos suas posições políticas e a sua crença de que a República não poderia prescindir da democratização do Ensino" (CARNEIRO, 2016, p. 50), mas, como observamos, muitos estudiosos atribuíram a mudança a uma doença que acometia Maria Bárbara, justificativa esta que grande parte da crítica bebeu de um editorial do impresso português nova-iorquino, no qual Sousândrade fez parte, *O Novo Mundo* (1870-1879):

> [...] o nosso poeta vive muito retiradamente no confim de New York, em Manhattanville, a sete milhas do centro da cidade. Do pequeno quarto n´uma casa de familia ele vê a cruz no cimo do Sacré Coer onde está educando sua filha, cuja delicada saúde fel-o trocar por este clima do Maranhão (*O Novo Mundo,* n. 74, fev. 1877, p. 39).

[21] Colégio que Maria Bárbara, filha do poeta, frequentou durante a estadia do pai em Nova Iorque.

[22] Segundo Torres-Marchal (2014), Sousândrade não estava contente com a sociedade imperial e escravocrata brasileira e provavelmente alimentou o desejo de conhecer e acompanhar de perto a sociedade republicana dos Estados Unidos. O estudioso aponta ainda que a falta de horizontes para a educação de sua filha pode ter sido um elemento crucial para deixar o país em 1871. Lembramos que até a promulgação do Decreto n. 7247, de 19 de abril de 1879, que tratou sobre a reforma do ensino primário e secundário no município da Corte e o superior em todo o Império, as mulheres não tinham acesso à Universidade no Brasil; outro fato é que não era comum mulheres brasileiras estudarem nos Estados Unidos, quando olhamos o censo de educação feminina de 1880 apresentado por Torres-Marchal, concluímos que no caso da instituição do Sagrado Coração, em junho de 1880, somente duas brasileiras, paraenses, estudavam na instituição: Anita Amaral e Eugênia Gama Lobo, e outras vinte e oito cubanas (a filha do poeta só voltaria a frequentar a instituição na segunda viagem de seu pai aos Estados Unidos, em setembro desse mesmo ano).

O periódico publicou ainda em 24 de novembro de 1871, a pedido do próprio Sousândrade, uma notícia sobre a vida escolar de sua filha, que destacava as instalações do Sagrado Coração, instituição de ensino voltada para estudantes do sexo feminino. O texto noticiário relata ainda que outras filhas de brasileiros estudavam na instituição: “Além da filhinha do Sr. Andrade, estão agora educando-se no Instituto três outras brasileirinhas, duas filhas do Dr. Gama Lobo, do Rio de Janeiro, e uma do Sr. Amaral, negociante no Pará” (*O Novo Mundo*, n. 14, 24 nov. 1871, p. 25), o que revela a preocupação do maranhense não apenas com a educação de sua filha, mas da educação como instrumento importante na conformação de sujeitos do seu projeto republicano[23], fato que leva o escritor a deixar o Brasil então monárquico e educar sua filha em um país republicano.[24] Para a estudiosa Alessandra Carneiro, o trecho do periódico descrito acima se configura como uma propaganda da instituição escolar com a finalidade de “encorajar as famílias brasileiras, leitoras do jornal, a enviarem suas filhas para serem instruídas nos Estados Unidos” (CARNEIRO, 2016, p. 51), o que não deixa de ser válido, ao avistarmos que o poeta se valerá da educação como ferramenta para alcançar seus projetos[25].

O fim do casamento com D. Mariana também é outro elemento justificável da partida do poeta, porém menos plausível. Essa questão do divórcio aparece de forma abrupta, tanto que não identificamos ao certo as razões para esse acontecimento, mas alguns apontamentos indicam que o fim do casamento de Sousândrade com Mariana de Almeida e Silva[26]se deve ao comportamento receptivo do poeta com seus amigos ou a sua vida boêmia, ou o nascimento de sua filha ilegítima, Vana[27] (LOBO, 1986; TORRES-MARCHAL 2014).

[23] As pesquisas de Ramon Ferreira (2015) retratam a respeito do lugar que Sousândrade reservava aos sujeitos indígenas no seu projeto de nação, e a educação aparece como meio de integração desses sujeitos ao então Brasil\América defendido pelo poeta.
[24] Lembramos ainda, como apontado na primeira parte desde capítulo, que o próprio Sousândrade se dirige à França para estudar, e não a Portugal, destino mais comum na sua época.
[25] Além de fundar as primeiras escolas mistas, Sousândrade desejava fundar uma Universidade na capital maranhense, a então Universidade de Atlântida ou Atenas, mas o projeto não teve êxito (LOBO, 1986, p.35).
[26] Ela era viúva de Estevão Pedro de Almeida e Silva, coronel fazendeiro de Cururupu, Mariana herdou os bens do falecido.
[27] Carlos Torres-Marchal (2014), por meio de uma longa análise de registros de jornais e outros documentos, sustenta que Sousândrade provavelmente teve outra “filha”, chamada Valentina.

O que se sabe é que o casamento do casal é "rompido"[28] quando o escritor inicia sua peregrinação pela América e sua então esposa fica de fora dos planos de viagem, que incluía somente sua filha e Vana, sua "criada\filha", que partem de Belém do Pará no vapor "North American", com destino à Nova Iorque em 6 de maio de 1871, onde desembarcam no dia 19 do mesmo mês.

Residindo em Nova Iorque, a principal atividade do poeta era a elaboração do seu poema, que conformaria treze cantos (LOBO, 1986, p. 33). Mas, um dos grandes questionamentos sobre a presença do poeta no exterior é sobre quais condições teria para custear tal permanência, e quem nos dá a resposta desta e de outras questões é a pesquisadora sousandradina Alessandra Carneiro (2016), que assim como já pontuaram Frederick Williams (1976), Luiza Lobo (1986) e Torres-Marchal (2014), procurou entender entre outra questões, além do(s) motivo(s) que levou Sousândrade a deixar o Brasil em 1871 e a permanecer nos Estados Unidos até 1885, quais seus meios e recursos de sobrevivência.

Assim como Luiza Lobo (1986), para Alessandra Carneiro (2016) a experiência de Sousândrade nos Estados Unidos "foi o divisor de águas para sua poética (e política)" (CARNEIRO, 2016, p. 15), o que refletirá na sua forma de compor.

Segundo a pesquisadora, Sousândrade fez parte de uma rede de brasileiros que foi formada a partir de Nova Iorque na década de 1870, tendo José Carlos Rodrigues (1844-1923)[29] como uma figura catalisadora, haja vista que "Sousândrade aportou em Nova Iorque em 19 de maio de 1871, possivelmente atraído por um convite de José Carlos Rodrigues para atuar junto ao periódico *O Novo Mundo* (1870-1879)" (CARNEIRO, 2016, p. 50), o que nos leva a pensar o convite de Rodrigues como um

[28] Conforme indicam alguns estudos, o matrimônio é reatado anos depois, pelo menos até certo período (WILLIAMS, 1976, p.12). D. Mariana, Mária Bárbara e Valentina foram as responsáveis pela criação do Colégio Industrial, que funcionou entre 1893 e 1896, na rua 28 de julho, na capital maranhense. Em 1898, Sousândrade e sua então esposa colocam a venda um sobrado de dois andares situado na mesma rua onde funcionava o colégio (*Pacotilha*, n. 18, 21 jan. 1898, p. 3; n. 19, 22 jan. 98, p. 1; n. 20, 24 jan. 98, p. 1). Provavelmente trata-se do mesmo estabelecimento. Em novembro desse mesmo ano, Maria Bárbara, sua mãe e Valentina deixam a cidade de São Luís e partem para a cidade paulista de Santos onde fundam novamente uma instituição escolar mista, denominada também de Collegio de Industria (WILLIAMS, 1976, p. 23). Desta vez, Sousândrade é quem ficou de fora do roteiro da viagem de sua filha e esposa, permanecendo em São Luís como um solitário até a sua morte em 1902.

[29] José Carlos Rodrigues era filho de fazendeiros, nasceu em 1844 em Cantagalo, província do Rio de Janeiro, foi escritor, atuou no jornalismo nos Estados Unidos onde transmitia as notícias do país estadunidense ao Brasil. Rodrigues deixou o Brasil em 1867 em direção à cidade de Nova Iorque, onde fundaria o *Periódico Ilustrativo do Progresso da Edade, O Novo Mundo* (1870-1879), redigido em língua portuguesa. No próximo capítulo trataremos sobre José Rodrigues e a presença de Sousândrade n´*O Novo Mundo*.

dos motivos para o poeta maranhense partir para os Estados Unidos[30]. Nas palavras da autora: “Apesar de destino pouco comum na década de 1870, os Estados Unidos já configuravam como contraposto de desenvolvimento socioeconômico em relação à Europa, e uma rede de brasileiros foi formada a partir de Nova York tendo como mentor José Carlos Rodrigues” (CARNEIRO, 2016, p 15).

A chegada do poeta viajante foi noticiada pelo impresso de José Carlos Rodrigues:

> Está em New York o Sr. Joaquim de Souza-Andrade, do Maranhão, onde tem já publicado dois volumes de poesia, de cujo mérito muito reataremos ocasião de escrever quando sair à luz uma segunda edição que o autor propõem-se a imprimir brevemente nesta cidade (*O Novo Mundo*, n. 9, 24 jun. 1871, p. 142).

Outro aspecto sobre a presença de Sousândrade em Nova Iorque diz respeito a sua residência. É também d´*O Novo Mundo* a informação de que o poeta residia na parte mais alta da cidade, como já apontaram muitos escritos (CAMPOS, 1982; WILLIAMS, 1976; LOBO, 1986), mas essa informação, segundo estudos mais recentes, está incompleta, uma vez que podemos localizar registros de várias localidades onde supostamente o maranhense se hospedou, como no ano de 1873 no Hotel Hamilton, localizado próximo do colégio de Maria Bárbara, assim como no Lafayette Place, em 1882, como enfatizou Carlos Torres-Marchal (2013, p. 21).

Além disso, corroborando com essa lógica, Alessandra Carneiro traz um relato de um paulistano[31], recepcionado por José Carlos Rodrigues no ano de 1872, que se encontra com Sousândrade nesse mesmo ano. No trecho descrito a seguir fica evidente que além dos locais citados anteriormente, Sousândrade residiu também no Hotel Washington, na Broadway, extremo sul da ilha de Manhattan, local que abrigou o general George Washington[32] nos tempos da guerra pela independência do país

[30] Ou seja, Sousândrade se inseriu no quadro de colaboradores do impresso antes de 1875, quando fez parte oficialmente ao assumir o cargo de vice-presidente da associação mantenedora do jornal de Rodrigues (WILLIAMS, 1976, p. 11, LOBO, 1986, p. 33, CUCCAGNA, 2004, p. 25, CARNEIRO, 2014, p. 54), informação que pode ser uma chave para entendermos as andanças do poeta viajante pelos Estados Unidos (CARNEIRO, 2016).

[31] Trata-se de Thomaz de Aquino e Castro, um estudante que chegava a Nova Iorque em 1872, com destino a Universidade de Cornell, recepcionado pelo então José Rodrigues.

[32] No início do canto X d´Guesa encontramos referência ao Hotel Washington: “...A eles eu me recolho. Dão-me abrigo / Tetos, que em outros tempos abrigaram / George Washington” (*O Guesa*, Canto X, 1884, p. 186). Embora fosse uma residência de grande valor histórico, segundo relatos de André Rebouças, que esteve na residência antes de Sousândrade, em 1873, o Hotel não possuía certa formosura e requinte: “O Washington Hotel teve a glória de receber o imortal Washington; esteve em moda por muitos anos; hoje é um hotel de terceira classe” (REBOUÇAS, 1938, p.246). Outro aspecto relatado por Rebouças em seu diário é que por conta de sua cor foi recusado por outras residências e

(1776-1783), o que mais uma vez evidencia que o poeta maranhense morou em um local de grande agitação, próximo a Wall Street, e não ficou “preso em quatro paredes” de um único lar:

> [...] fomos visitar o nosso companheiro de viagem o Dr. C. da Costa Ferreira, no hotel Washington, que está situado na afamada Broadway, uma das grandes artérias da vida circulante de New York, e que caracteriza o motivo da cidade; mil ou mais carruagens cruzam-na incessantemente e o pelotão de povo que caminha a pé chega muitas vezes a embaraçar-se [...] **Chegados ao Hotel Washington, o Dr. Ferreira apresentou-nos ao seu amigo, o distinto poeta maranhense J. de Souza Andrade que há muito estava ali hospedado**. No decurso da conversação viemos a saber que nos achávamos no primeiro lugar histórico de New York: aquelle hotel era a antiga casa do Capitão Kennedy, construída na sua volta da Europa em 1760, chefes inglezes occuparão durante a guerra; ali viverão Cornwallis, Clinton, Howe e depois Washington e Talleyrand (*Aurora Brasileira*. n. 8, 20 mai. 1874, p. 61-62 apud CARNEIRO, 2016, p. 52, grifo da autora).

Diferente de Alessandra Carneiro, Luiza Lobo apresenta outra visão sobre a rotina do maranhense na cidade de Manhattan: “Ele tomava o bonde a burro que descia a serpenteante Avenida Broadway, da zona oeste alta rumo à leste baixo, nesta, travava contato com a bolsa de valores de Wall Street e o capitalismo emergente” (LOBO, 1986, p. 36).

O que se sabe é que o poeta durante sua estadia nos Estados Unidos contribui com o periódico de José Carlos Rodrigues, *O Novo Mundo,* e talvez recebesse remuneração por tal contribuição, assim como o engenheiro André Rebouças (1838-1898), que fez parte da rede de colaboradores do impresso e chegou a receber a quantia de 200$000 mensais (REBOUÇAS,1938, p. 278) pelos seus serviços ao periódico ilustrativo de Rodrigues – indicativo de que José Carlos Rodrigues, mesmo ao assinar o periódico como único responsável e redator, possuía colaboradores remunerados, e Sousândrade certamente se insere entre os seus.

Em registros do diário do próprio André Rebouças, identificamos um encontro nas instalações d´*O Novo Mundo,* em Nova Iorque, do engenheiro com o poeta d´*O Guesa*. O encontro é datado de 21 de junho de 1873: “despedi-me do poeta Souza Andrade do Maranhão, autor da ‘Guêza errante’. Deu-me notas sobre a lenda

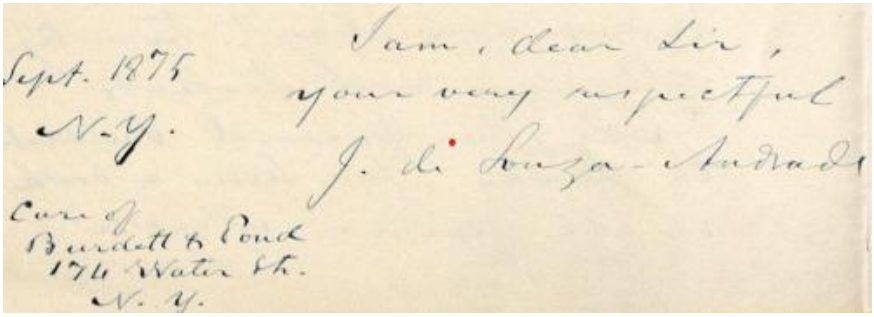
hospedou-se no Hotel com restrições (?), e agradece a José Rodrigues após ter deixado o Hotel Washington e partido a outro -French´s Hotel- “graças ao prestimoso amigo Rodrigues” (REBOUÇAS, 1938, p. 253).

fundamental do seu poema, para enviar a Carlos Gomes[33] como assunto de um lebreto" (REBOUÇAS, 1938, p. 255).

Além da ligação de Sousândrade com *O Novo Mundo*, o poeta provavelmente teve relações com a exportadora *Burdett & Pound*. Alessandra Carneiro (2016) sinaliza que o escritor enviou uma carta a Henry Longfellow (1807-1882)[34] em 1874 solicitando

a análise de algumas poesias de Emil Schwerdtfeger[35]. Nesta carta, Sousândrade utiliza como endereço, o da empresa de importação de borracha[36], *Burdett & Pound*:

Figura 1- Carta de Sousândrade à Longfellow, no endereço da empresa Burdett & Pound, localizada na 174 Water Street



Fonte: Carneiro, 2016, p. 64.

[33] Importante compositor de ópera do Brasil, Carlos Gomes foi responsável ainda pela composição de um hino ao centenário da independência dos Estados Unidos em 1876, como noticiou *O Novo Mundo* (n. 69, 24 jun. 1876, p. 187). Rebouças era um grande incentivador e amigo de Gomes.

[34] Henry Wadsworth Longfellow foi um poeta estadunidense, autor de obras, como *Evangeline* (1847). Trata-se de uma das figuras mais importantes do romantismo estadunidense (movimento que culminou com a emancipação literária dos Estados Unidos frente a influência inglesa, "cujo período áureo se deu por volta de 1850" (CARNEIRO, 2016, p. 29). Sousândrade era um grande admirador de Longfellow, não há relatos que comprovem se houve um encontro pessoalmente entre ambos, mas sabe-se que Sousândrade enviou uma cópia de seu escrito: *Obras Poéticas*, publicado em Nova Iorque em 1874. A obra era composta, além de outros poemas, pelos quatro primeiros cantos do *Guesa Errante* (1877); nesse exemplar Sousândrade inseriu uma dedicatória ao poeta estadunidense, o referindo como "o pai da poesia norte americana". No Canto X d´*O Guesa* encontramos essa mesma referência à Longfellow após sua morte.

[35] Emil Schwerdtfeger foi um nova-iorquino que encontrou em José Rodrigues um grande incentivador. Foi Rodrigues que custeou seus estudos na Universidade de Cornell e ainda financiou a publicação da dissertação do jovem intitulada: History and development of the English Verb (1874), que o levou a ganhar, com apenas dezesseis anos de idade, um prêmio de destaque entre os estudantes de língua inglesa nos Estados Unidos. Além de suas habilidades nos estudos de línguas clássicas e modernas, que mereceu admiração de Rodrigues e de Sousândrade, outro ponto que merece destaque é que Emil teve um triste fim, se suicidou aos dezenove anos de idade. Antes de cometer o ato, deixou registrado que as obras que constituíam seu acervo ficassem com Rodrigues e com Sousândrade. No Canto X d´*O Guesa*, Sousândrade relata sobre a morte do jovem "Emilio": Das musas do futuro o tão querido jovem discípulo- oh! quão doloroso / Que é este testamento do suicídio, / Que não s´entenderá! / Drama doloroso! (*O Guesa*, Canto X, 1884, p. 200).

[36] A *Burdett & Pound* possuía filial em Belém do Pará, de onde exportava para Nova Iorque não apenas a borracha, como outros produtos: café, açúcar, castanha etc, porém o principal produto de comercialização da empresa era a borracha (CARNEIRO, 2016, p. 63).

Outro detalhe importante é que nos registros da Academy of the Sacred Hart [37] aparece o nome da empresa como a responsável pelo pagamento das despesas de Maria Bárbara (TORRES-MARCHAL, 2013, p. 15), o que pode indicar que o maranhense possuía vínculos com a empresa como nos apontou Alessandra Carneiro (2016), ao afirmar que o fato de Sousândrade ter usado o endereço comercial da empresa em sua carta pessoal pode indicar que possivelmente o maranhense lhe prestava serviços[38]. Assim como no caso do periódico de José Rodrigues, passava grande parte de seu dia no local[39]. Possivelmente, eram essas as suas duas fontes de renda.

Ainda sobre a estadia do poeta nos Estados Unidos, há outra observação importante de se destacar: grande parte dos estudos sobre Sousândrade registrou que o poeta partiu com sua filha para os Estados Unidos em 1871, e lá permaneceram por quase quinze anos, até 1885, quando retornam ao Brasil pelo Oceano Pacífico, transitando por países da costa ocidental da América Latina. É o caso do estudo de Frederick Williams: "Retornado a São Luís em 1885, após uma breve temporada no Chile (WILLIAMS, 1976, p. 12); de Luiza Lobo (1986, p. 34): "Depois de 14 anos em Nova Iorque, Sousândrade e a filha retornam ao Brasil através da América do Sul, provavelmente de vapor até o canal de Panamá, e de trem através do estreito (o canal data de 1908). Chegando ao Brasil, provavelmente em 1885 [...]"; e de Claudio Cuccagna (2004, p. 26) "Por volta de 1885 Sousândrade e a filha retornam ao Brasil, passando pelo oceano Pacífico e visitando as repúblicas andinas do Peru e Chile".

Apesar de estes estudiosos abordarem o tema, nenhum deles se aprofundou sobre este aspecto, demonstrando, portanto, que a passagem do poeta viajante pelos países da América Latina é praticamente desconhecida.

[37] Academia do Sagrado Coração, escola onde a filha de Sousândrade estudou.

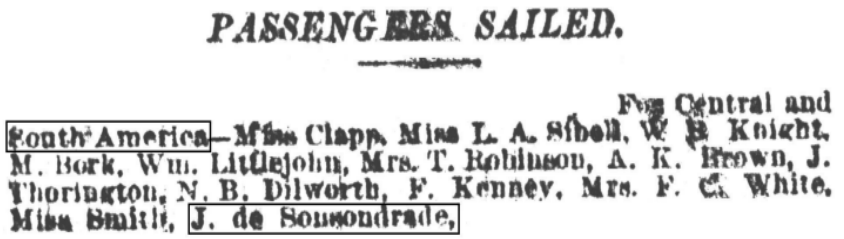
[38] Outra suposição apontada pela pesquisadora é que a exportadora descontava dos ordenados do maranhense os pagamentos no colégio de Maria Bárbara ou ainda: "também reconhecemos que a filial da empresa em Belém prestava serviços de transferência do governo do Pará destinado ao pagamento dos estudos de brasileiros patrocinados pelo Estado" (CARNEIRO, 2016, p. 63). Essa última hipótese pode fazer sentido se consideramos que Sousândrade já se inseriu entre aqueles que prestaram serviços ao governo do Amazonas, mas a carência de documentos inviabiliza avançarmos sobre a questão.

[39] Em outra carta (carta-dedicatória escrita na folha de rosto de *obras poéticas* – 1874, localizada por Carneiro) de Sousândrade direcionada a Ferdinand Denis – escritor romântico francês, autor da enciclopédia *L´Univers* no qual Sousândrade teve acesso ao relato da lenda do Guesa, do povo indígena Muísca - datada de 1874, o poeta utiliza o endereço do periódico *O Novo Mundo*, o que se configura outro indicativo de que o poeta usava seu endereço de trabalho nas suas cartas pessoais.

Foram graças as contribuições biográficas do peruano Carlos Torres-Marchal que muitas informações relatadas primeiramente por Astolfo Marques (1903), Clarindo Santiago (1932), e posteriormente por Augusto e Haroldo de Campos (1982), Frederick Williams (1976) e Luiza Lobo (1986) foram aprofundadas. Segundo o pesquisador peruano, Sousândrade esteve nos Estados Unidos duas vezes, primeiramente de 1871 a 1878. Alguns registros, além de cantos d´*O Guesa,* demonstram que em 1878 retornam ao Brasil e no percurso fizeram escalas em alguns países da América do Sul como apontaremos a seguir.

De acordo com Torres-Marchal, encontramos informações nos despaches de viagens do vapor *Acapulco* de 30 de janeiro de 1878, de que Sousândrade havia deixado nesta data a cidade de Nova Iorque e partido em direção à América do Sul:

Figura 2- Passengers Sailed for Central and South America. New York Daily Tribune, sexta-feira, 1 de fev. de 1878, p. 3, c.5



PASSENGERS SAILED.

For Central and South America—Miss Clapp, Miss L. A. Sibell, W. B. Knight, M. Bork, Wm. Littlejohn, Mrs. T. Robinson, A. K. Brown, J. Thorington, N. B. Dilworth, F. Kenney, Mrs. F. C. White, Miss Smith, J. de Sousondrade,

Fonte: TORRES-MARCHAL, 2010, p. 9.

O trajeto entre Nova Iorque e Lima não foi tardio, semanas depois, em 23 de fevereiro de 1878, identificamos a imprensa peruana desejando boas-vindas ao poeta viajante: “Hace poco días que tenemos em Lima em calidad de viajero, a uno de los literatos más ilustres del Brasil, el señor don. J. de Souza Andrade”[40](*La Patria*, n. 2011, 23 fev. 1878, ano 7, p. 2 apud TORRES-MARCHAL, 2010, p. 19).

A presença do poeta na cidade peruana em 1878 foi registrada n´*O Guesa:*

Quando ao ver´lucionario gênio altivo
As festas centenaes, prepara a França
Mal liberta, a ‘Voltair’ seculo vivo,
Que ainda agita a rasão e o mundo avança?
Toda a Egreja catholica enluctou-se;
A cidade-dos-rêis dobra à agonia

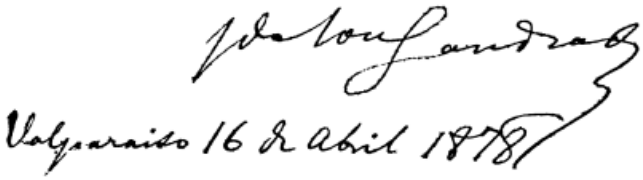
[40] “Há alguns dias atrás tivemos em Lima, como viajante, um dos escritores mais ilustres do Brasil, o Sr. J. de Souza Andrade”.

Por Pio-Nono, que ora sepultou-se,
Chefe conservador da monarchia
A mas perfeita...
(*O Guesa,* Canto XI, 1884, p. 308).

A referência ao centenário de Voltaire, presente nos versos acima, nos aponta para o ano de 1878: “as igrejas de Lima dobrando pela morte do Papa Pio IX” (TORRES-MARCHAL, 2010, p. 9) que correu em fevereiro de 1878. O cronista e escritor Garcilaso de La Vega, em *Comentários Reais dos Incas* (1985), relata que “Rímic o Lima o la Ciudad de los Reyes, todo es uma misma coisa”[41] (LA VEGA, 1985, p. 68), o que nos leva a considerar que “cidade dos reis” presente nos versos acima se refere a capital peruana.

A visita de Sousândrade na cidade peruana durou menos de dois meses, uma vez que em 16 abril de 1878 já se encontrava na cidade chilena de Valparaiso, como se percebe na data da escritura do poeta datado deste ano na referida cidade:

Figura 3- Assinatura de J. de Sousândrade



Fonte: TORRES-MARCHAL, 2010, p. 9.[42]

Além destes registros que acabamos de enfatizar, *O Guesa* nos fornece indicações das andanças do poeta nesses espaços andinos. As datações presentes nos cantos XI e XII d´*O Guesa* indicam que Sousândrade esteve em 1878 no Peru e no Chile, e não em 1885 como afirmou Frederick Williams (1976, p.46); tampouco em 1870 (antes da fixação do poeta nos Estados Unidos), como asseguraram os irmãos Haroldo e Augusto de Campos (1982, p. 652).

[41] “Rimic ou Lima ou a Cidade dos Reis, é tudo uma e a mesma coisa”.
[42] Nota-se a forma aglutinada que o poeta já utilizava neste período, trata-se da assinatura em uma cópia do *Guesa Errante* (edição de Nova Iorque datada de 1877) deixada na cidade de Valparaiso durante a passagem do poeta.

Não demorando no Chile, Sousândrade chegava na capital maranhense quatro meses depois.[43] A imprensa local noticiou sua chegada: “Hontem (16 ago. 1878) chegou de New York por Pernambuco o nosso comprovinciano sr. Joaquim de Souza Andrade” (*Diário do Maranhão*, n. 1507, 17 ago. 1878, p. 2).

No registro de ofício do presidente da província do Maranhão direcionado ao Ministério dos Negócios da Agricultura e Obras Públicas, localizado por Torres-Marchal, podemos encontrar informações sobre a presença do poeta viajante em São Luís durante o período de 1878 e 1880[44], reiterando, portanto, que Sousândrade não residiu nos Estados Unidos durante exatos quatorze anos (1871-1885), como afirmou a maioria dos estudiosos; ao contrário, o poeta esteve nos Estados Unidos durante dois momentos. A sua segunda viagem aos Estados Unidos ocorreu em 1880[45], onde permaneceu até 1883.

Do país estadunidense se desloca para a Europa em uma segunda viagem[46]ao continente, “é quase certo que em dezembro de 1883 o poeta se encontrava em Paris, em carta enviada a Joaquim Nabuco, Sousândrade mencionou que visitou Victor Hugo[47]. Além disso. em fragmentos do Canto X d´*O Guesa*, o poeta refere-se à hostilidade da recepção das pessoas de Paris com o monarca da Espanha Afonso VII no dia 29 de setembro de 1883, demostrando que se encontrava na cidade neste

[43] Identificamos despacho em um impresso maranhense datado de 18 de junho de 1878, provavelmente enviado do Chile por um representante do jornal na cidade chilena de Valparaiso, que trazia a seguinte informação: “desejamos ao Sr. Souza Andrade e a sua sympathica filhinha feliz viagem” (*Publicador Maranhense*, n. 188, 18 ago. 1878, p. 02). Sousândrade permaneceu na cidade chilena por dois meses, conforme informa o mesmo impresso: “O distincto poeta brasileiro, Sr. Joaquim de Souza Andrade, que dos Estados-Unidos vem viajando as republicas do Pacífico e Prata, honrou esta cidade (Valparaiso) com uma permanência de dous mezes” (*Publicador Maranhense*, n. 188, 18 ago. 1878, p. 02).

[44] Segue a informação do ofício: “cidadão Joaquim de Souza Andrade, no sentido de serem libertados, por conta do fundo de emancipação, 100 escravos que possui, nos municípios de Codó e Cururupa (Cururupu), mediante a quantia de 75:000$, cedendo aquele cidadão em benefício dos mesmos escravos, a título de pecúlio, terras e fazendas, com os respectivos acessórios nos municípios em que eles residem” (*Coleção das Decisões do Governo do Império do Brasil de 1880*, 1881, n.37, p.37 apud TORRES-MARCHAL, 2010, p. 10). O pedido foi negado em 20 de agosto de 1880, segundo Torres Marchal, provavelmente porque estes eram os mesmos ex-escravos a quem Sousândrade e sua esposa deram-lhe suas terras, as de Codó e Cururupu, em celebração a proclamação da República em 1889 (*O Globo*, n. 64, 21 nov. 1889, p.2), como já observamos.

[45] Sousândrade parte com sua filha para Nova Iorque no dia 27 de setembro de 1880, desta vez no Vapor *City of Pará*. Ver lista de passageiros em TORRES-MARCHAL (2010, p. 10).

[46] A primeira presença do maranhense no velho Continente ocorre entre 1854 a 1856, como já observado.

[47] Um dos principais nomes do romantismo francês, autor de diversas obras, como *Os miseráveis* (1862), Victor Hugo, além de romancista, poeta e dramaturgo, trilhou o campo da política francesa, sendo eleito para os cargos de deputado (1848) e senador (1876). Citado pelo menos cinco vezes n´*O Guesa,* o escritor francês se insere no quadro de intelectuais que influenciaram a épica de Sousândrade, como enfatiza Luiza Lobo (1986).

mesmo ano. Outro fato importante é que a última e mais completa versão d´*O Guesa*, aqui utilizada, foi publicada em Londres e possui como data provavelmente o ano de 1884. Sousândrade deixa o continente europeu em 1885, quando retorna ao Brasil.[48]

Considerações finais

Os nossos apontamentos, assim como os estudos aqui utilizados neste artigo, nos remetem a dois pontos principais: primeiro, é extremamente difícil reconstruir a vida de Joaquim de Souza Andrade, o Sousândrade, principalmente devido a carência de documentações que tratem sobre sua vida.

O que nos faz concordar que pouco se conhece sobre Sousândrade, e isso não se deve a escassez de informações sobre o poeta, uma vez que encontramos muitas informações sobre ele, mas grande parte delas sem suporte documental, ou apenas informações desencontradas e errôneas, como as tratadas primeiramente por Astolfo Marques (1903) e Clarindo Santiago (1932), que levaram alguns biógrafos do escritor, como Frederick Williams (1976) e Carlos Torres-Marchal (2009), a estudar a vida de Sousândrade na busca por informações independentes além do que já haviam escrito, mas ambos estudiosos chegam a mesma conclusão: muito pouco se sabe sobre o escritor maranhense, e o trabalho de construir a biografia do poeta é um trabalho árduo, semelhante à montagem de um enorme quebra-cabeças, composto por diversas informações fragmentadas, muitas delas sem respaldo documental.

Mas as informações aqui tratadas foram destacadas com alguns aportes documentais e registros de épocas que validam nossos apontamentos sobre as andanças do poeta maranhense por alguns espaços europeus e americanos, embora o trajeto do poeta não tenha se limitado apenas a esses espaços.

[48] O ano de 1885 é afirmado pelo próprio poeta em *Harpas de Ouro*, - obra póstuma, publicada em 1970 por Frederick Williams e Jomar Moraes em *Inéditos* (p. 3-80) - “O ano da graça, oitenta e cinco, voltando à pátria, [...]”. para Carlos Torres-Marchal (2013), a volta de Sousândrade ao Brasil teria sido antecipada devido a crise que levou a quebra da empresa *Burdett & Pound*, responsável pelas despesas da filha nos Estados Unidos e das remessas de dinheiro para o maranhense no exterior. A crise afetou a empresa em agosto de 1884, os responsáveis pela empresa eram Charles P. Burdett e Samuel G. Pound, que venderam seus imóveis devido à instabilidade financeira. Segundo Alessandra Carneiro (2016, p. 62), a empresa suspendeu suas atividades em 1884, contraindo uma dívida de $300,000, dentre os motivos, o jornal *The York Times* apontou a baixa dos negócios, aliado à crise das colheitas e da borracha no Pará. Outro jornal americano, o *The Sun* (25 out. 1884), informaria a falência do mercado de borracha do Brasil.

O segundo aspecto, é que *O Guesa,* principal obra do escritor*,* se caracteriza como uma "bússola" para estudarmos a biografia do poeta e as direções tomadas por este em suas andanças, e foi com esse intuito que a utilizamos ao longo deste estudo.

Como visto, o fato de denominarmos o poeta como um viajante não foi por acaso, Sousândrade trilhou diversos caminhos pela América e Europa, e esse caráter viajante do poeta caminha de mãos dadas com sua principal obra.

Referências bibliográficas

Impressos:

Diário do Maranhão, n. 1507, 17, ago. 1878, p. 2.

Jornal do Comércio, n. 49, 28, nov. 1965, p. 5

O Globo, n. 36, 02 nov. 1858, p. 2 e 4.

O Globo, n. 64, 21 nov. 1889, p. 2.

O Globo, n. 70, 02 nov. 1889, p. 2.

O Novo Mundo, n. 09, 24 jun. 1871, p. 142.

O Novo Mundo, n. 14, 24 nov. 1871, p. 25 e 31.

O Novo Mundo, n. 69, 24 jun. 1876, p. 187.

O Novo Mundo, n. 74, fev. 1877, p. 39.

Pacotilha, n. 135, 21, mai. 1890, p. 03.

Pacotilha, n. 18, 21 jan. 1898, p. 03.

Publicador Maranhense, n. 188, 18, ago. 1878, p. 2

Referências:

ABRANCHES, Dunshee de. O cativeiro. Rio de Janeiro: s. ed., 1941. p.121-122.

ALMEIDA, Tito Franco de. **Francisco José Furtado**: Biographia e estudo de história

BISCARDI, Afrânio.; ROCHA, Frederico Almeida. O Mecenato Artístico de D. Pedro II e o Projeto Imperial. 19&20, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, mai. 2006. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/mecenato_dpedro.htm. Acesso em: 25 fev. 2021.

BRANCO, Camilo Castelo. Joaquim de Souza Andrade. *In*: Cancioneiro alegre de poetas portugueses e brasileiros. Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1879. p. 139-141.

CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de. ReVisão de Sousândrade. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.

CAMPOS, H. de. A peregrinação transamericana do Guesa de Sousândrade. **Revista USP,** *[S. l.]*, n. 50, p. 221-231, 2001. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i50p221-231. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/35286. Acesso em: 20 mai. 2022.

CAMPOS, Humberto de. Diário secreto. Rio de Janeiro: O cruzeiro, v. 1, 1954.

CARNEIRO, Alessandra da Silva. **Do tatu fúnebre ao lar-titú**: implicações do indianismo no canto segundo do poema O Guesa, de Sousandrade. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. doi:10.11606\D.8.2011.tde-27052011-160658. Acesso em: 19 mar. 2022.

CARNEIRO, Alessandra da Silva. **O Guesa em New York**: republicanismo e americanismo em Sousândrade. 2016. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/T.8.2016.tde-29062016-114340. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-29062016-114340/pt-br.php Acesso em: 04 fev. 2022.

CUCCAGNA, Claudio. A visão do ameríndio na obra de Sousândrade. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

DURAND, José Carlos. Arte, Privilégio e Distinção. São Paulo: Perspectiva, 1989.

FERNANDES, Cybele V. F. **Os Caminhos da Arte**: O ensino artístico na Academia Imperial das Belas Artes (1850-1890). Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em História Social, Faculdade de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

FERREIRA, Ramon Castellano. **FUTURO, AO FUTURO ELE CORRIA**: Sousândrade e o lugar reservado aos povos indígenas n´Guesa (1850-1890). Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: https://vdocuments.com.br/futuro-ao-futuro-ele-corria-3-ficha-catalografica-elaborada-pela-biblioteca.html acesso em: 04 fev. 2022

FERREIRA, Ramon Castellano. **O lugar cativo de um guesa errante**: o projeto republicano de sousândrade e a narrativa d'o guesa*. Revista Eletrônica Acadêmica/Faculdades Integradas Simonsen*. Vol.3, n.3. p. 93 – 115, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://www.simonsen.br/revista-digital/wp-content/uploads/2015/11/9-Revista-Simonsen_N3-RamonCastellano.pdf Acesso em: 04 fev. 2022.

LA VEGA, Inca Garcilaso de. Comentarios Reales de los Incas. Tomo 01, Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1609. Capítulo XVI. Disponível em: http://shemer.mslib.huji.ac.il/lib/W/ebooks/001531300.pdf Acesso em 17 mai. 2022.

LA VEGA, Inca Garcilaso de. Miró Quesada, Aurelio (ed.). Comentarios Reales. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 1985. Vol 2 – Livro VI, Capítulo XXX. Disponível em: https://www.clacso.org.ar/biblioteca_ayacucho/detalle.php?id_libro=1598 Acesso em 20 abr. 2022.

LOBO, Luiza. O Guesa Joaquim de Sousandrade (Sousândrade). São Luís, MA: Academia Maranhense de Letras, 2012.

LOBO, Luiza. Épica e modernidade em Sousândrade. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

MARQUES, Raúl Astolfo. **Apuntos biobliograficos**: Joaquim de Souzandrade. A Revista do Norte. São Luís-Ma, n.42, 16 de mai. 1903, p.139-140.

MEIRELES, Mário M. História do Maranhão. Rio de Janeiro: DASP, Serviços de Documentação, 1960.

NUÑEZ, Cesar Augusto López. A proposta estético-política em O guesa de Sousândrade e El pez de oro de Gamaliel Churata. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Minas Gerais, 2017. Disponível em: http://hdl.handle.net/1843/LETR-AKYH73. Acesso em: 14 mar. 2022.

REBOUÇAS, André. Diário e notas autobiográficas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1938.

RÊGO, Josoaldo Lima. **Espaço; modernidade e literatura**: uma leitura de 'O Guesa', de Sousândrade. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/D.8.2007.tde-05112007-122043. Acesso em: 2022-04-01.

SANTIAGO, Clarindo. Souza Andrade, O solitário da “Vitória”. In: **Revista da Academia Brasileira de Letras**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 120, jun. 1932, p. 171-201.

SANTOS, Haniery Conceição dos. **VIVA A REPÚBLICA**: Os discursos republicanos nos jornais maranhenses 1889-1890. Monografia (Licenciatura Plena em História) - curso de História na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, São Luís, 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As Barbas do Imperador***:* D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOUSANDRADE, Joaquim de. Harpas selvagens. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert, 1857.

SOUSANDRADE, Joaquim de. Liras perdidas. In: WILLIAMS, Frederick; MORAES, Jomar. **Sousândrade:** inéditos. São Luís: D. de Cultura do Estado, 1970. p.21-78.

SOUSANDRADE, Joaquim de. Memorabilia *In*: O Guesa errante. Nova York, s. ed., 1876. p.3-7.

SOUSANDRADE, Joaquim de. O Guesa, O Zac". In: WILLIAMS. Frederick; MORAES, Jomar. **Sousândrade:** inéditos. São Luís: D. de Cultura do Estado, 1970. p. 193-202.

SOUSANDRADE, Joaquim de. O Guesa. Introdução, organização, notas, glossário, fixação e atualização do texto da edição londrina, Luiza Lobo; Revisão técnica, Jomar Moraes. Rio de Janeiro: Ponteio; São Luís, MA: Academia Maranhense de Letras, 2012. p.

SOUSANDRADE, Joaquim de. O Guesa. Londres: Cook & Halsted, c. 1884?. Edição londrina completa, disponível em: https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/619 Acesso em: 30 dez. 2021.

SOUSANDRADE, Joaquim de. Obras poéticas. Nova York, s. ed., 1874, v. 01.

TORRES-MARCHAL, Carlos. A lenda do Tatuturema. **Eutomia**: revista online de Literatura e Linguística, Recife, v. 1, n. 4, p. 1-38, dezembro de 2009. Disponível em: https//periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/2319. Acesso em: 29 marc. 2022.

TORRES-MARCHAL, Carlos. Contribuições para uma biografia de Sousândrade. In: **Eutomia**: Revista de Literatura e Linguística, Recife, v. 1, n. 5, p.1-20. jul. 2010. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/2320. Acesso em: 28 marc. 2022.

TORRES-MARCHAL, Carlos. Contribuições para uma biografia de Sousândrade II: As errâncias e os pousos do Guesa. **Eutomia**: Revista de Literatura e Linguística, Recife, v. 1, n.11, p.5-30. jan\jun. 2013 Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/240. Acesso em: 28 mar. 2022.

TORRES-MARCHAL, Carlos. Contribuições para uma biografia de Sousândrade III: As filhas do poeta. **Eutomia**: Revista de Literatura e Linguística, Recife, v.1, n.13, p.5-31, jul. 2014. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/585. Acesso em: 10 marc. 2022.

TORRES-MARCHAL, Carlos. Sousândrade: poeta-astrônomo. **Eutomia**: revista online de Literatura e Linguística. Recife, v.1, n. 3, p. 7-29, julho de 2009. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/2318. Acesso em: 20 marc. 2022.

VIANA, Godofredo. Carta aberta dirigida a Raimundo Lopes. *In*: LUZ, Joaquim Viera da. Dunshee de Abranches e outras figuras. Rio de Janeiro: Editora Jornal do Brasil, 1954. p. 251.

WILLIAMS, Frederick G. **Sousândrade***:* Vida e Obra. São Luís: Edições Sioge, 1976.

WILLIAMS, Frederick G.; MORAES, Jomar. **Sousândrade**: prosa. São Luís: Sioge, 1978.

WILLIAMS, Frederick G.; MORAES, Jomar. **Sousândrade***:* inéditos. São Luís: Departamento de Cultura do Estado, 1970.